

# ESCOLA E MÍDIA: ENCONTROS POSSÍVEIS, DESPEDIDAS NECESSÁRIAS

Luciana Lobo Miranda- UFC  
[lobo.lu@uol.com.br](mailto:lobo.lu@uol.com.br)

## Resumo

O presente trabalho discute a relação escola e mídia, marcada pelas contribuições de Foucault na problematização da educação. A reflexão divide-se em três partes: A primeira traz cenas da vida escolar contemporânea com destaque ao uso da mídia; A segunda parte analisa a função da educação escolar na época de sua expansão e na atualidade, com os modos de subjetivação marcados pela mediatização da sociedade. Por fim discute-se a potência da escola neste contexto.

**Palavras-chave:** Escola, Mídia, Novas Tecnologias; Juventude

Na escola contemporânea torna-se comum a culpabilização da mídia pela má formação da infância e da juventude, pela exposição precoce à sexualidade, pela espetacularização da violência ou por sua própria perda de autoridade. A escola parece dizer: “Nós educamos e a mídia deseduca”. Preocupada com a precarização laboral, arraigada em modelos tradicionais ou mesmo esvaziada, frequentemente, de pensamento crítico/ reflexivo acerca de seu fazer pedagógico, como se poderia propor um olhar sobre a mídia, valorizando o modo como crianças e jovens significam aquilo que vêem, escutam, lêem ou criam fora dos muros escolares? Como trazer estas reflexões para o cotidiano educacional?

O presente trabalho procura discutir a relação escola e mídia na contemporaneidade, marcado pelas contribuições de Foucault para a problematização da educação escolar (FOUCAULT 1977, 2005, 2007) e por alguns lugares enunciativos que venho ocupando, ao longo dos últimos anos, como professora de Psicologia em uma Universidade Pública do Nordeste do Brasil, onde ministro o curso de Psicologia Escolar/educacional, supervisiono estágios na área, oriento monografias e dissertações, coordeno pesquisas e campos de extensão ligados ao eixo temático: subjetividade-mídia-educação.

Esta reflexão divide-se em três partes: A primeira traz cenas com base em algumas falas que tenho escutado nos trabalhos realizados em diferentes escolas, articulando aos desafios dos processos escolares atuais, com destaque ao uso da mídia e das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) no cotidiano educacional. A segunda parte analisa a função da educação escolar na época de sua expansão, ou seja no contexto industrial, e na atualidade, com os modos de subjetivação marcados pela mediatização da sociedade (MORAES, 2006). Por fim discute-se a potência da escola na atualidade, inserindo assim nas inquietações do presente colóquio.

## Escola e Mídia: Discutindo cenas cotidianas

Cena 1: Em uma escola pública de Ensino Médio, como que em um jogo de “gato e rato”, alunos tentam descobrir a senha de *wifi* da instituição, onde apenas funcionários e professores podem acessar, para fins exclusivamente pedagógico. Quando descobrem vão para um canto onde o sinal é melhor. Se aglomeram, riem e compartilham até a senha ser novamente trocada pela direção, para depois ser novamente descoberta...

Cena 2: Professores da Rede Pública falam dos conflitos e dificuldades de “disciplinarem” seus alunos atualmente. Alguns evocam cenas em que chegam a trocar insultos ou mesmo segurar no braço de um aluno que se recusa a sair de sala. Ao se perceberem perdendo o controle da situação, param em temor e pensam: Será que algum aluno me filmou?

Cena 3: Novamente em uma escola pública, uma professora grava no celular parte de sua aula para provar aos alunos que a tarefa foi passada e será devidamente cobrada, pois, na aula anterior, eles disseram que ela não havia passado a tarefa. Alguns alunos reclamam: Querem o direito de imagem...

Cena 4: Alunos de uma escola particular de classe média alta preferem tirar foto da lousa (quadro-negro) ao invés de copiar o conteúdo. Alguns professores permitem, outros não. As fotos são tiradas mesmo assim.

Estas cenas, marcadas pelos lugares enunciativos anteriormente descritos foram ouvidas, presenciadas, discutidas seja em cursos de formação de professores, seja em oficinas realizadas com jovens, ou em conversas informais com alunos e professores. Selecionei estas, mas poderiam ser outras... O que estas cenas tem em comum? Ao meu ver, dentre outras questões, a presença da mídia e das tecnologias digitais de informação e Comunicação (TDIC) de forma NÃO autorizada no ambiente escolar.

Antes de continuar a presente reflexão, vale uma breve delimitação conceitual de mídia e de “tecnologias digitais de informação e comunicação” (TDIC). O termo mídia vem do latim *media*, que significa meios. Segundo o dicionário Aurélio, trata-se de uma designação genérica dos meios, veículos e canais de comunicação, como, por exemplo, o rádio, a televisão e o jornal (FERREIRA, 2000). Apesar de ser considerado amplo, pois pode abranger a comunicação oral, escrita e imagética desde a antiguidade, a grande explosão tecnológica comunicacional com o advento do telégrafo, do telefone, do rádio, da fotografia e do cinema consolidou-se ao longo do século XIX (BRIGGS e BURKE, 2006). Já o termo TDIC é atualmente utilizado para referir-se a convergência das mídias em apenas um artefato, através da tecnologia digital (VALENTE, 2005). Para Afonso (2002), o desenvolvimento da informática e da internet nas décadas de 1970 e 80 levou os especialistas a utilizarem diversos termos para se reportarem ao fenômeno. Um deles é a sigla TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação, que simboliza “as tecnologias digitais de informática e de redes de troca de dados” (AFONSO, 2002, p. 169). No entanto, para o autor, a sigla mais adequada seria TDIC, que contém o termo “digital”, já que tecnologias de informação e comunicação existem há tempos remotos.

Seja referindo-se a mídia ou a TDIC vale a problematização de que ambas como artefatos culturais não são em si nem boas nem más, mas também não são neutras (LEVI, 1999). Se por um lado estas tecnologias estão circunscritas a diferentes contextos, que implica em usos distintos, por outro carregam sempre intencionalidades que as colocam também atreladas a um campo institucional.

Assim, as cenas descritas acima tem em comum um tensionamento destes dois lugares institucionais, escola e mídia. De um lado a escola tentando demarcar o seu lugar legitimado de transmissão cultural e de disciplinamento; de outro a sedução da imagem, da instantaneidade da informação que coloca corpos juvenis em conexão, sem necessariamente autorização prévia do professor. De um lado a escola, *locus* tradicional de transmissão de saber voltado ao passado, guiado pela lógica da razão, da durabilidade, do sujeito cidadão, do *telos*. De outro, a mídia, cujo conteúdo, na maioria das vezes, é voltado para a atualidade, para a promoção do impacto e do emocional, para a velocidade, para o sujeito consumidor, para o privilégio do agora e do efêmero (VIVARTA, 2004)

No entanto o tensionamento entre escola e a mídia não é propriamente uma novidade. Mesmo antes de ter como suporte uma tecnologia digital, mesmo quando não

havia a presença física da mídia no cotidiano da escola - pois agora é mais comum ver escolas equipadas com televisão, DVD, Datashow, computador com rede wifi, tablets e etc, alunos já evocavam em suas conversas no pátio, nos corredores e até em sala de aula os produtos vistos na publicidade; o comportamento de algum personagem em algum filme ou seriado, cenas polêmicas do capítulo da novela, notícias do último telejornal, etc. Também era comum (e ainda o é) ver crianças imitando em suas brincadeiras no pátio (e em sala de aula) alguma cena vista em um desenho animado ou utilizando produtos (brinquedos, materiais escolar, guloseimas) licenciados de seus personagens preferidos.

Se não é de hoje que a mídia, neste caso específico refiro-me a televisão, atravessa os muros escolares e se faz presente muitas vezes a revelia de professores e gestores da educação, qual seria a descontinuidade, a novidade? Qual a especificidade de nosso tempo presente? Como se dão os modos de subjetivação marcado pelos novos arranjos mediáticos (e aqui refiro-me a confluência da mídia com base na TDIC) em território escolar?

Na primeira década deste século publiquei alguns artigos evocando este tensionamento escola e televisão. (MIRANDA 2007, 2009, MIRANDA, LIMA, SAMPAIO 2009). Tempos em que a TV dominava o lazer das crianças e adolescentes e incidiam na sua forma de ser e agir no mundo. Como falei anteriormente, atualmente as escolas encontram-se mais bem equipadas e a TV parece estar perdendo espaço para a comunicação em rede, para a internet (IBGE, 2009). Na verdade o próprio modelo broadcasting da TV tem encontrado a internet um novo suporte de exibição de seus conteúdos. E, cada vez mais seja nas escolas particulares e nas públicas os corpos infantis e juvenis encontram-se acoplados com computadores, tablets e aquele que tem representado a fusão da mídia: o celular (SIBILIA, 2012)

Agora não só a presença física da mídia e das TDICs tornaram-se mais evidentes, como também cada vez mais, crianças e adolescentes não são apenas espectadores, mas também produtores, criadores de conteúdo, sem que a formação para esta produção ou criação tenha necessariamente passado pelos bancos escolares...

### **Escola e Mídia como Tecnologias de Época**

Para melhor entender a especificidade de nossa época, convém uma “digressão histórica”. Trata-se de discutir a escola como uma tecnologia de época (SIBILIA, 2012). Ampliada no contexto europeu do sec XVIII, a escola foi uma das instituições que ajudaram a consolidação do projeto de industrialização do capitalismo. Segundo Oliveira (2004). A sociedade capitalista é resultante de três revoluções: a Revolução Industrial, ocorrida, em meados do século XVIII, na Inglaterra; a Democrática, que se passou na França, em 1789; e a Educacional, que enraizada no Iluminismo, somente se completa na Europa do século XX.

Segundo Sibillia (2012) o projeto de educação escolar expandida a TODOS de um lado diz respeito a uma sociedade moderna que pensou a si própria (mesmo que idealmente) como igualitária, fraterna e democrática, e de outro pela maximização da força produtiva dos corpos através do poder disciplinar. Na verdade trata-se de os dois lados da mesma moeda.

A disciplina discute Foucault em Vigiar e Punir (1977) se centra na vida do homem-indivíduo, em seu corpo, empreendendo uma anátomo-política com vistas a um melhor aproveitamento de suas forças, o que envolve a docilização e a disciplinarização dos corpos. Ao invés do indivíduo autônomo, máxima do Iluminismo, as práticas disciplinares têm como finalidade o domínio de cada um sobre si mesmo, visando à

produtividade. Diz Foucault: “O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação ‘ideológica’ da sociedade; mas também uma realidade fabricada por essa tecnologia do poder que se chama a ‘disciplina’ “(Ibidem, p.172).

Assim, o poder disciplinar encontra na escola um território fértil utilizando-se de instrumentos simples como o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame. No olhar hierárquico, cria-se uma subdivisão montada hierarquicamente para que uns possam vigiar os outros, numa nova subdivisão de trabalho com mestres, supervisores, coordenadores. A sanção normalizadora, voltada não apenas para a punição, mas também para a prevenção de comportamentos, cria a norma que diferencia e classifica o desenvolvimento e o comportamento de cada indivíduo em relação aos outros, com base em uma medida quantitativa de normalidade, a exemplo dos testes psicométricos utilizados na educação. Por fim o exame, a combinação entre ambos, baseada em avaliações e exercícios regulares, traça o mapa de aprendizagem e a conduta de cada um. Desta forma, o sujeito moderno é um efeito das relações de poder-saber produzidas em diversas instituições, dentre elas a escolar.

Mas é o próprio Foucault que adverte, na década de 70 do século passado que este exercício do poder talvez não precisasse ser tão duro:

Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento o corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, metucioso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias...E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as cidades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. Descobriu-se, desde então, que os controles da sexualidade da sexualidade podiam se atenuar e tomar outras formas...Resta estudar de que corpo necessita a sociedade atual... (FOUCAULT, 1988, 147-148).

Na década de 90 do século XX outro filósofo Gilles Deleuze, referindo-se ao poder disciplinar analisado por Foucault diz que estaríamos nos transformando em outra coisa (DELEUZE 1992). Estaríamos passando dos regimes disciplinares para a Sociedade de Controle. Segundo Deleuze (1992), o modelo da sociedade disciplinar pode ser questionado, pois os meios de confinamento, tais como a prisão, o hospital, a fábrica, a escola e a família, encontram-se, na atualidade, numa crise generalizada. A Sociedade de Controle tende a substituir a sociedade disciplinar, pois enquanto nesta não se parava de recomeçar, na Sociedade de Controle nunca se termina nada. Assim como a empresa vem substituir a fábrica, “a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame “ (p. 221). É também Deleuze que afirma não se tratar de pensar qual o regime melhor ou pior. Não se trata de uma preferência entre o confinamento e sua norma bem definida voltada a docilização dos corpos ou o controle fluido, flexível e intermitente. Diz Deleuze: “Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições” (p.220)

Diante de novas formas de controle, novos dispositivos pedagógicos parecem ganhar terreno, especialmente a mídia e as TDICs. Rosa Bueno Fischer cunhou o conceito, dispositivo pedagógico da mídia” baseado em Foucault. A pesquisadora analisa a mídia,

sobretudo a TV, visto que o conceito é de 2002, como produtora de imagens, significações e saberes. Além de ser uma fonte de informação e entretenimento, a mídia dirige-se à educação das pessoas, ensinando-lhes “modos de ser e de estar na cultura em que vivem” (p. 151) Diz a pesquisadora:

Trata-se bem mais de um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações – relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós, os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante (FISCHER, 2002, p153)

Basta zapear na TV ou navegar pela internet que percebemos a atualidade do dispositivo confessional problematizado por Foucault (2007). Seja em reality shows, programas de variedades ou em blogs, sites não faltam exemplos onde pessoas confessam o que fazem para um governo de suas condutas. Modos imediatos, fluidos mais extremamente potentes de dirigidos a educação das pessoas.

Duas tecnologias: escola e mídia. Ambas marcadas pelas condições de possibilidade de suas épocas que encontram-se diretamente relacionadas com o processo de subjetivação juvenis na contemporaneidade: “Tanto a escola quanto a mídia atuam no campo da subjetivação, pois buscam estabelecer uma ingerência sobre a relação do sujeito consigo mesmo” (MIRANDA, SAMPAIO e LIMA, 2009, p. 97). Seria possível estabelecer um diálogo entre estas duas tecnologias de época para além da docilização dos corpos, ou de novas formas de controle?

Paula Sibilía (2012), discorre sobre o desencaixe entre os modos de subjetivação de que a escola necessita no seu interior e os aqueles incitados pela mídia. Diante da hiperconexão e a dispersão atual dos jovens e do confinamento e concentração exigidos nos bancos escolares, a escola sem dúvida tende a perder:

Embora não tenha permanecido imune a essas fortes convulsões, é inegável que a escola finca seus alicerces sobre aquela ferramenta ancestral que hoje se vê sufocada ante os avanços do audiovisual: a palavra, especialmente na medida em que costumava se prestar às clássicas operações da leitura e da escrita. (...) Os professores, por sua vez, muitas vezes não sabem como enfrentar esse novo cenário; assim, além de suportarem a precariedade socioeconômica que assola a profissão em boa parte do planeta, tem que lidar com as aflições suscitadas pelos questionamentos acerca do significado de seu trabalho e com a dificuldade crescente de estar a altura do desafio (p. 65)

Tentando dar novos contornos a escola, tem sido cada vez mais comum o uso de alguns de seus recursos como aposta no processo de aprendizagem. O programa Um Computador por Aluno (UCA) na rede pública é um exemplo. Segundo o site do Fundo Nacional de Desenvolvimento em Educação o programa iniciado em 2010 comprou 150 mil tablets para 300 escolas públicas (FNDE 2014). Também temos o uso de tablets nas escolas particulares propagados em campanhas publicitárias; Outros exemplos são lousa digital; blogs e sites com algumas aulas postadas e chats para tirar dúvidas são outros

recursos utilizados. No entanto avancemos com Sibilía (2012): dar um computador por aluno é sem dúvida extremamente oneroso (visto que além do custo inicial, há a manutenção e a atualização), mas talvez seja o mais fácil. Bem mais difícil é romper a barreira do uso das tecnologias apenas como recurso didático, ou de fazer de seu uso um instrumento a favor do barateamento do ensino.

Assim, se a escola foi “inventada” no contexto industrial, como um dos pilares do capitalismo então emergente, atualmente este capitalismo pós-industrial que se sustenta e se reinventa na venda de serviços e informações, no estímulo ao consumo, demanda novos corpos e novos modos de subjetivação: Proativos, dinâmicos, individualistas, competitivos, multifacetados, conectados. Trata-se então da escola se equipar para se ver atrelada a estes novos tempos? Trata-se então de entrar de cabeça nesta nova “onda”, equipando as escolas, tornando-as cada vez mais tecnológicas como a grande nova revolução educacional? Um computador por aluno, tablet substitui livros<sup>1</sup>?

A questão é de nos interrogarmos então como o uso da mídia e das TDIC no cotidiano escolar podem contribuir contra o confinamento, mas também contra a dispersão? No próximo item procuro trazer algumas pistas para uma possível potência da escola, nestes tempos de hiperconexão.

### **Escola e Mídia: Resistência Necessárias**

Se, por um lado, Foucault problematiza que as relações de poder sobretudo na vertente aqui tratada do poder disciplinar, produz assujeitamento, simultaneamente também produz resistência (FOUCAULT 1977, 1988, 1995). Só existe poder em relação entre pessoas livres e, estas mesmas pessoas, resistem o tempo todo (FOUCAULT, 1995). Assim, no cotidiano escolar, alunos, mas também professores, funcionários, equipe técnica procuram se re-inventar em seu cotidiano: inventando por exemplo formas menos burocratizadas e normativas de lidar com a vida escolar.

Creio assim que a entrada da mídia e das TDIC entre os muros escolares pode também ser um instrumento frente aos novos ventos do capitalismo. Guattari dizia que se os modos de assujeitamento atuais passam pela mídia, os de singularização também (GUATTARI e ROLNIK 1986, GUATTARI 1990). Este pensador discutiu a importância de movimentos sociais, artistas, coletivos produzirem novas formas de pensar e de se enunciar numa comunicação menos hierarquizada e mais em rede, rizomática, como pode ser a internet.

Desde os anos 1930, de forma ainda pouco sistematizada, têm surgido experiências no âmbito escolar na discussão e uso dos meios de comunicação dentro de seus muros. Aos poucos estas iniciativas vem se transformando de uma concepção mais apocalíptica, pautada na vilania da mídia, para uma perspectiva crítica diante da comunicação midiática, sem recair na falácia da perspectiva integrada (MIRANDA, LIMA e SAMPAIO, 2009). Nesta direção da promoção de uma leitura/apropriação crítica da comunicação midiática, têm se desenvolvido diversas experiências que buscam unir os campos, tradicionalmente

---

<sup>1</sup> Campanha Publicitária de uma grande Rede de Colégio em Fortaleza –Ce veiculada em 2011 cujo o slogan diz Tablet substitui livros, e que foi alvo de uma grande polêmica entre educadores.

<sup>2</sup> O DEC é uma parceria com a ONG ENCINE. Este curso de extensão faz parte do Programa de Extensão TVEZ: Educação para o Uso Crítico da Mídia que articula os cursos de Psicologia e de Comunicação Social (Publicidade e Jornalismo) em ação preferencialmente em Escolas Públicas de

dissociados, da comunicação e da educação. Para além de instrumentalizar professores em dar seus antigos conteúdos agora com novos recursos didáticos, (conteúdo em blogs, aulas em datashow, vídeos articulados ao conteúdo programático) ou de facilitar o contato com o professor em plena hora de seu descanso, trata-se de fortalecer processos coletivos de reflexão do que seja ser criança, adolescente ou professor hoje, de pensar e agir sobre o cotidiano educacional. Em última instância de problematizar para que serve a escola, atuando em sua potência em nosso tempo presente.

Trabalhar com a mídia e as TDIC como recurso didático pode ser interessante, desde que também se busque engendrar uma relação com o conhecimento menos burocratizada. No entanto, autores no campo da mídia educação (FANTIN 2006) ou da educomunicação (SOARES 1999) tem discutido a potencialidade da relação escola, mídia e TDIC indo além do recurso didático, mas como “campo, disciplina e prática social” que possa compreender “uma educação *para* as mídias, *com* elas e *sobre* elas” (FANTIN, 2006, p.12). Não se trata de potencializar ou não o Ensino a Distância (EAD) ou o empreendedorismo de si (GADELHA 2007), mas de pensar o uso da mídia e das TDIC tanto como campo de expressão, quanto problematiza-la como objeto da educação escolar.

No primeiro caso, mídia como campo de expressão, significa por exemplo refletir através da criação de produtos de mídia, (vídeos, blogs, vlogs) como enunciadores de si, como canal de expressão a respeito de suas idéias e afetos sobre si mesmo e sobre o mundo. Alunos e professores podem enunciar a si mesmo através de recursos midiáticos. No segundo caso, ao pensar a mídia como objeto, significa inserir no cotidiano escolar temas relacionados aos processos de subjetivação engendrados pelo uso das mídias. Discutir a linguagem publicitária ou jornalística; o dispositivo confessional existente na internet ou o uso do celular em sala de aula, pode ajudar a gerar na escola uma potência de resistência as novas formas de controle que alguns usos da mídia nos convocam cotidianamente. Ao invés de surfar na nova onda do capitalismo, trata-se de justamente utilizar a tecnologia gestada neste bojo para promoção de crítica e da expressão. Assim tanto o uso da mídia como campo de expressão e a sua problematização como objeto de análise no cotidiano escolar devem estar articulados. Trata-se de um trabalho micropolítico que tende a potencializar a fala de alunos e professores através da utilização das mais distintas mídias. Criação de novos possíveis no cotidiano escolar? Talvez, se este trabalho não se configurar como uma nova técnica a ser seguida, mas como um trabalho coletivo de problematização e invenção do cotidiano escolar.

Antes de finalizar retomo uma das quatro cenas anteriormente relatadas, a cena 3. Esta cena ocorreu durante um dos módulos do curso de extensão Diálogos Escolares Contemporâneos (DEC)<sup>2</sup>. Havia trazido algumas cenas do site de compartilhamento de imagens (youtube) que traziam cenas de conflito entre professores e estudantes. Alunos que rasgam o diário de classe, professores que quebram celular do aluno durante a aula, cenas de xingamento e até brigas corporais. A proposta era que os vídeos deflagrassem uma reflexão sobre o cotidiano deles nas escolas. Na discussão alguns professores “confessaram” terem passado por situações semelhantes e o temor era de terem sido filmados. Como um acontecimento analisador das relações existentes na escola, pontuei que havia me chamado atenção era: o ser ou não filmado/controlado por uma câmera e não como a relação professor-aluno pôde ter chegado nesta situação. Tratava-se

---

<sup>2</sup> DEC é uma parceria com a ONG ENCINE. Este curso de extensão faz parte do Programa de Extensão TVEZ: Educação para o Uso Crítico da Mídia que articula os cursos de Psicologia e de Comunicação Social (Publicidade e Jornalismo) em ação preferencialmente em Escolas Públicas de Fortaleza e Região Metropolitana. O Programa TVEZ existe desde 2005 e é coodenado por mim e pela Prof. Dra. Inês Vitorino Sampaio.

de uma discussão ética do cotidiano escolar, deflagrada pelos vídeos do site de compartilhamento.

O que venho percebendo é que o esvaziamento de espaço de produção de coletivos é tão grande na vida escolar, que o fato de estar junto discutindo temas relacionados a escola e mídia os mobiliza como significação de seu fazer docente. Estar junto para pensar a escola e não para preencher questionários, tabelas ou para prestar contas aos superiores pode trazer uma potencia na escola.

### **Do Que Queremos Nos Despedir e o Que Buscamos Encontrar**

Para finalizar, voltarei ao título deste trabalho, “Escola e Mídia: Encontros Possíveis, Despedidas Necessárias”. Quais encontros são possíveis realizar e quais despedidas são necessárias? Se por um lado creio que, aqueles trabalham com educação devam buscar encontros que promovam a inquietação, a criação de novos possíveis e se isso puder se potencializado com o uso destas tecnologias, ótimo, por outro devemos também nos afastar desse afã de modernização da escola em prol dos novos ventos neoliberais do capitalismo, em sua cultura do empreendedorismo que muitas vezes vem favorecer as novas domesticações, mais fluidas, mas não menos perversas.

A potencia desse encontro não compreende um novo método para a educação, mas uma espécie de lugar para pensar a diversidade das situações concretas vividas tanto na relação com a mídia, quanto na própria escola. Tal perspectiva deve conter uma função pedagógica, estética e política. Pedagógica ao possibilitar a articulação do uso e produção da mídia como ferramenta de acesso ao conhecimento. Estética ao permitir a abertura para a criação, para o campo do sensível, explorando outras formas de expressão, não usuais na mídia comercial. Política, pois, a discussão do uso da mídia e das TDIC na vida escolar pode levar, em última instância, a uma reflexão tanto sobre a comunicação cotidiana (sua condicionalidades, condições de produção e seus meios de propagação), quanto sobre a própria escola.

### **BIBLIOGRAFIA**

AFONSO, C. A. Internet no Brasil – alguns dos desafios a enfrentar. **Informática Pública**, v. 4, n. 2, p. 169-184, 2002. Disponível em: <[http://www.ip.pbh.gov.br/ANO4\\_N2\\_PDF/ip0402afonso.pdf](http://www.ip.pbh.gov.br/ANO4_N2_PDF/ip0402afonso.pdf)>. Acesso em 21 jan. 2014.

BRIGGS, A; BURKE, P. **Uma história social da Mídia**: de Gutemberg à internet; tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

DELEUZE, G. **Conversações**: 1972-1990. São Paulo: Ed. 34, 1992. 226 p.

FANTIN, M. **Mídia-educação**: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália. Florianópolis, Cidade Futura, 2006.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. Coordenação e edição, margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexografia, Margarida dos Anjos [et al.]. 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FISCHER, R. B. O Dispositivo Pedagógico da Mídia: Modos de Educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**. São Paulo (SP), v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FNED Fundo Nacional de Desenvolvimento em Educação. Disponível em: <http://www.fnede.gov.br/component/k2/item/3920-projeto-um-computador-por-aluno-uca?highlight=YToxOntpOjA7czozaWJ1Y2EiO30=>. Acesso em 16 de abril de 2014.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 8.ed. 1988.

\_\_\_\_\_. O Sujeito e o Poder. In: **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Verdade e as formas jurídicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 18 ed. 2007.

GADELHA, S. Educação, políticas de subjetivação e sociedade de controle. In: **Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação**. MARCONDES, Adriana; FERNANDES, Ângela; ROCHA, Marisa Lopes da. [orgs.]. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007, p. 15-36.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

IBGE. *De 2005 para 2008, acesso à internet aumenta 75,3%*. Recuperado de: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1517](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1517). 2009. Acesso 03 de março de 2014.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1999.

MIRANDA, L. L. Reflexões sobre educação, pós-mídia e produção de subjetividade no contexto escolar. In: Adriana Marcondes; Angela Fernandes; Marisa da Rocha. (Org.). **Novos Possíveis no Encontro da Psicologia com a Educação**. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, v. 1, p. 1-226.

\_\_\_\_\_. Linguagem e modos de subjetivação na relação práticas escolares e televisão in **O público e o Privado** - No 14, Fortaleza, UECE, p. 165-177 - Julho/Dezembro %u2013 2009

MIRANDA, L.L. , SAMPAIO I. V. e REGIS, T. Fazendo mídia, pensando educação: reverberações no mesmo canal in **Comunicação & Sociedade**, Ano 30, n. 51, p. 89-112, jan./jun. 2009

MORAES, D. (org) **Sociedade Midiatizada**, Rio de Janeiro, Maud, 2006.

OLIVEIRA.M.M. As origens da Educação no Brasil: da hegemonia católica às primeiras tentativas de organização do ensino. In: **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.12, n.45, p. 945-958, out./dez. 2004. disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v12n45/v12n45a03.pdf>

SIBILIA, P. **Redes ou Paredes: A escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro; contraponto, 2012.

SOARES, I. O. Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In: **Contato: revista brasileira de comunicação, arte e educação**, Brasília, ano 1, n.2., 1999, p. 19-74.

TABLET SUBSTITUI LIVROS in Rafiado. Disponível em: <http://www.rafiado.com/2011/08/tablet-substitui-livros/>. Acesso em 16 de abril de 2014

VALENTE, José Armando. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador. O papel do computador no processo ensino-aprendizagem. In: **Integração das tecnologias na educação**. ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M.(Orgs.). Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2005, p. 22-31. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/iniciaissf.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

VIVARTA, V. Remoto Controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes, São Paulo: Cortez, 2004.